

O Ministro e seu Novo Testamento Grego

por J. Gresham Machen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A brecha cada vez mais ampla entre o ministro e seu Novo Testamento grego pode ser atribuída a duas causas principais. O ministro moderno protesta contra seu Novo Testamento grego ou é indiferente para com ele, primeiro, porque ele está se tornando menos interessado em seu grego, e segundo, porque ele está se tornando menos interessado em seu Novo Testamento.

A primeira objeção é nada mais que uma manifestação da bem conhecida tendência na educação moderna de rejeitar as “humanidades”¹ em favor de estudos que sejam obviamente mais úteis, uma tendência que é plenamente pronunciada, tanto nas universidades como nos seminários teológicos. Em muitas universidades o estudo do grego está quase abandonado; portanto, não surpreende tanto que os graduados não estejam preparados para usar seu Novo Testamento grego. Platão e Homero estão sendo negligenciados tanto quanto Paulo. Uma refutação dos argumentos pelos quais esta tendência se justifica excederia os limites do presente artigo. Contudo, basta dizer isto: a refutação deve reconhecer os princípios opostos que estão envolvidos. O defensor do estudo do grego e do latim nunca deveria tentar defender sua causa meramente diante do tribunal da “eficiência”. Algo, sem dúvida, poderia ser dito inclusive aqui; possivelmente poderia afirmar-se que é realmente necessário que uma pessoa esteja familiarizada com o grego e o latim para ter conhecimento da sua língua materna, o que é obviamente muito importante para progredir no mundo. Porém, por que não ir direto à raiz do assunto? O verdadeiro problema com a exaltação moderna dos estudos “práticos” à custa das humanidades é que ela é baseada num conceito viciado de todo o propósito da educação. O conceito moderno do propósito da educação é que a educação tem a intenção meramente de capacitar o homem a viver, mas não de dar-lhe aquelas coisas na vida que tornariam a vida digna de ser vivida.

Em segundo lugar, o ministro ordenado está negligenciando o seu Novo Testamento grego porque ele está se tornando menos interessado em seu Novo Testamento em geral – menos interessado em sua Bíblia. A Bíblia costumava ser considerada como o que fornecia a própria soma e substância da pregação; um pregador era fiel ao seu chamando somente se tivesse êxito em reproduzir e aplicar a mensagem da Palavra de Deus. A atitude moderna é muito diferente. A Bíblia não é descartada, certamente, porém é tratada como apenas um dos recursos, ainda quando, todavia, é a fonte principal da inspiração do pregador. Além do mais, uma multidão de obrigações além de pregar e de interpretar a Palavra de Deus são requeridas do pastor moderno. Deve organizar clubes e atividades sociais de uma dezena de tipos diferentes; deve assumir uma parte proeminente nos movimentos a favor da reforma civil. Em resumo, o ministro deixou de ser um especialista. A mudança aparece, por exemplo, na atitude dos estudantes de teologia, até mesmo nos devotos e reverentes. Uma dificuldade excepcional na educação teologia hoje é que os estudantes persistem em considerar a si mesmos, não como especialistas, mas como leigos. As questões críticas acerca da Bíblia são consideradas por eles como próprias para os homens que estão se preparando para o professorado teológico ou algo similar, enquanto que o ministro

¹ Nota do tradutor: “Estudo das letras clássicas” (Dicionário Aurélio).

ordinário, no julgamento deles, pode se contentar com os assuntos mais superficiais ao nível do conhecimento do leigo e os problemas envolvidos. Desta maneira, o ministro já não é um especialista na Bíblia, mas se tornou meramente um tipo de administrador geral dos assuntos de uma congregação.

A relação desta atitude moderna para com o estudo da Bíblia e o estudo do Novo Testamento grego é suficientemente óbvia. Se o tempo dedicado aos estudos estritamente bíblicos deve ser diminuído, obviamente a parte mais cansativa destes estudos, a parte menos produtiva de resultados imediatos, será descartada em primeiro lugar. E essa parte, para os estudantes insuficientemente preparados, é o estudo do grego e do hebraico. Se, por outro lado, o ministro é um especialista – se uma coisa que ele deve à sua congregação, acima de outras as outras, é um conhecimento amplo, científico bem como experimental, da Bíblia – então a importância do grego não requer um argumento elaborado. Em primeiro lugar, quase todos os livros mais importantes sobre o Novo Testamento pressupõem um conhecimento do grego: o estudante que se acha sem um conhecimento ao menos superficial do grego está obrigado a usar, em sua maioria, obras que estão escritas, falando figurativamente, em palavras de uma sílaba. Em segundo lugar, tal estudante não pode tratar com todos os problemas de primeira mão, mas em milhares de questões importantes está à mercê dos julgamentos de outros. Em terceiro lugar, nosso estudante sem grego não pode estar familiarizado com a forma nem com o conteúdo dos livros do Novo Testamento. O Novo Testamento, bem como todas as outras literaturas, perde algo na tradução. Porém, por que argumentar a questão? Todo estudante científico do Novo Testamento, sem exceção, sabe que o grego é realmente necessário para o seu trabalho: a pergunta real é se o nosso ministério deve ser preenchido somente por estudantes científicos.

Essa pergunta é somente uma fase da questão mais importante que está agora diante da Igreja – a questão do Cristianismo e a cultura. O mundo moderno está dominado por um tipo de pensamento que é contraditório ao Cristianismo ou se encontra fora de uma relação vital com o Cristianismo. Este tipo de pensamento aplicado diretamente à Bíblia tem resultado numa visão naturalista da história bíblica – a visão que rejeita o sobrenatural não somente nas narrações do Antigo Testamento, mas também nos registros da vida de Jesus nos Evangelhos. Segundo tal visão a Bíblia é valiosa porque ensina certas idéias com respeito a Deus e suas relações para com o mundo, pois ensina por símbolos e por exemplos, bem como por apresentação formal, certos grandes princípios que têm sido sempre considerados verdadeiros. Por outro lado, segundo a visão sobrenatural, a Bíblia não contém meramente uma apresentação de algo que sempre foi considerado verdadeiro, mas também um registro de algo que aconteceu – a saber, a obra redentora de Jesus Cristo. Se esta última visão é correta, então a Bíblia é única; ela não é meramente uma das fontes de inspiração do pregador, mas a própria soma e substância do que ele tem para dizer. Mas, se é assim, então, seja lá o que for que o pregador não precisa conhecer, ele deve conhecer a Bíblia; ele deve conhecê-la de primeira mão, e ser capaz de interpretá-la e defendê-la. Especialmente quando a dúvida permanece no mundo com respeito à grande questão central, quem mais apropriado que os ministros para se engajar na tarefa de solucionar tal dúvida – por instrução intelectual e ainda mais por argumentos? A obra não pode ser entregue a uns poucos professores cujo trabalho é somente de interesse deles mesmo, mas deve ser empreendida energeticamente por homens de mente espiritual de toda a Igreja. Porém, obviamente, este labor pode ser assumido com maior proveito somente por aqueles que tenham um importante pré-requisito para o estudo num conhecimento dos idiomas originais sobre os quais se baseia uma grande parte da discussão.

Não obstante, se é importante para o ministro usar seu Novo Testamento grego, o que se há de fazer a respeito disso? Suponhamos que algumas primeiras oportunidades foram negligenciadas, ou que o que uma vez se adquiriu se perdeu no tumulto atarefado da vida ministerial. Aqui podemos nos apresentar ousadamente com uma mensagem de esperança. O grego do Novo Testamento de nenhuma maneira é um idioma difícil; um conhecimento suficiente dele pode ser adquirido por qualquer ministro de inteligência mediana. E para tal fim duas direções simples podem ser dadas. Em primeiro lugar, o grego deve ser lido em voz alta. Um idioma não pode ser aprendido facilmente somente pelo olho. O som bem como o sentido das passagens familiares deve ser impresso sobre a mente, até que o som e o sentido estejam conectados sem o intermédio da tradução. Que este resultado não seja apressado; ele virá por si mesmo se esta simples direção for seguida. Em segundo lugar, o Novo Testamento grego deve ser lido todos os dias sem falta, incluindo os Domingos. Dez minutos por dia têm muito mais valor do que setenta minutos uma vez na semana. Se o estudante mantém um “turno matutino”, o Novo Testamento grego deve receber um lugar nele; de qualquer forma, o Novo Testamento grego deveria ser lido de maneira devocional. O Novo Testamento grego é um livro sagrado, e deveria ser tratado como tal. Se ele for tratado assim, a leitura dele em breve se tornará uma fonte de alegria e poder.

Fonte: <http://homepage.mac.com/shanerosenthal/reformationink/jgmmingreek.htm>